



NOVAS SUBJETIVIDADES CRIADAS N'A CAVERNA CONTEMPORÂNEA

Adriana Gonçalves da Silva

Orientador: Sílvio Renato Jorge

Doutoranda

RESUMO: O romance *A caverna* do escritor português José Saramago, publicado em 2000, traz como enredo o dilema vivenciado por uma personagem que possui uma subjetividade muito atrelada à sua profissão; trata-se de um oleiro chamado Cipriano Algor. Ocorre que a olaria e seus produtos não atraem mais os consumidores, e o Centro comercial, com o qual Cipriano Algor mantinha transações em caráter exclusivo, deixa de comprar seu fornecimento mediante o surgimento de um novo produto no mercado capaz de imitar o barro a baixo custo. O mercado é simbolizado por este Centro comercial e seu caráter agressivo, prefigurado no relato de sua expansão física em que ele altera a paisagem ao seu redor modificando as memórias daquele espaço. Sendo este Centro também de caráter residencial ele oferece um novo *modus vivendi* aos que optam por lá morarem. Em uma sociedade em que o valor do indivíduo passa a ser o seu poder de aquisição, personalidades são formuladas em prol do nascimento do indivíduo apenas enquanto consumidor. Nesse romance, em diversos momentos as subjetividades serão atingidas exigindo das personagens uma adaptação ou adequação ao que é imposto pela sociedade e de forma mais emblemática pelo mercado que gerencia os gostos e o consumo. Objetiva-se neste trabalho apontar quais as formas de opressões vivenciadas pelas personagens e como elas alteram, ou deveriam alterar, suas subjetividades em prol da dinâmica de mercado. Para pensarmos as estratégias de poder utilizaremos contribuições de Foucault e em relação às subjetividades enquanto constructo do capital, utilizaremos Sennett.

PALAVRAS-CHAVE: *A caverna*, Mercado, Subjetividades.

Creio que dentro de nós há um espesso sistema de corredores e portas fechadas. Nós mesmos não abrimos todas as portas, porque desconfiamos que o que há do outro lado não será agradável de ver.
(AGUILERA, 2010, p.149)

Saramago, em Turim-1998, profere uma fala registrada no *Da Estátua à Pedra*, em que podemos confrontar com uma “consciente intuição” do autor de que estamos vivenciando um novo tempo ou, quem sabe, nos apropriando de Thomas Hobbes a possibilidade de uma (re)contratualização social, sobre a qual Saramago nos deixa algumas pistas em seus romances.

O romance *A caverna* é publicado em 2000, momento de passagem a um novo século, o que significa ainda mais algumas questões que habitam a narrativa. Nele, temos a focalização de uma cidade que se expande junto a um grande Centro comercial que habita geograficamente o espaço que carrega em seu vocábulo (centro) e que paulatinamente ocupa por diversos meandros este mesmo *locus* na vida da população que o cerca, modificando-a consideravelmente: “Qualquer caminho que se tome vai dar ao Centro” (SARAMAGO, 2000, p. 275).

O Centro ocupa uma posição hiperbólica. Ele não é um estabelecimento comercial tradicional, pois oferece também a opção de residência. Para Saramago (2013, p.49), o romance traz “a visão de um mundo possível, onde os seres humanos quererão habitar no interior dos mesmos espaços comerciais que lhes vendem o que necessitam ou creem necessitar”. O empreendimento comercial amalgamaria, portanto, o espaço privado e o público, o lugar e o não-lugar de Marc Augé (2003), embora não pudéssemos dizer que possua um espaço antropológico¹ de fato, pelo contrário, o empreendimento atua contra a sobrevivência desses espaços, uma vez que altera a geografia ao seu redor, destruindo vegetações e casas em prol do progresso de suas instalações. Essas alterações não irão incidir apenas na concretude do espaço físico, mas poderão ser vislumbradas no próprio constructo das subjetividades que ocupam estes espaços, conforme veremos adiante.

Em contraponto ao espaço urbano, vemos uma vila afastada do centro, onde conhecemos um oleiro, Cipriano Algor, que vive com sua filha, Marta, sobrevivendo do comércio de louças que fornece para revenda no estabelecimento comercial. O espaço é caracterizado por um ambiente quase que minimalista, poucos signos descrevem-no e são

¹ “Se um lugar pode se definir como identitário, relacional e histórico, um espaço que não pode se definir nem como identitário, nem como relacional nem como histórico definirá um não-lugar. A hipótese defendida aqui é a de que a supermodernidade é produtora de não-lugares, isto é, de espaços que não são em si lugares antropológicos e que, contrariamente à modernidade baudelairiana, não integram os lugares antigos” (AUGÉ, 2003, p.73).

recorrentes na narrativa, como os seguintes: a amoreira preta, o cântaro, o banco de pedra e a furgoneta.

Aparece ainda no núcleo de personagens o genro de Algor, que é funcionário da segurança desse Centro e almeja ser promovido à guarda residente para lá ir morar com a esposa. No núcleo dos personagens principais da narrativa começamos a entender porque este Centro intervém e se faz presente na rotina de todos que ali habitam. Marçal Gacho é funcionário assalariado do Centro, Cipriano Algor pequeno fornecedor de miudezas e Marta estabelece uma rotina entre as ausências do pai e do esposo.

A nomeação das personagens começa a delinear as subjetividades dessas e, portanto, merece uma observação à parte na obra de Saramago. O oleiro, Cipriano Algor, carrega em seu sobrenome “um frio intenso no corpo, prenunciador de febre” (SARAMAGO, 2000, p.11), este frio pode metaforicamente assumir diversos aspectos como assimilar-se a temperatura do barro, por exemplo; todavia o mais ululante é a solidão vivenciada pela personagem desde a morte de sua esposa. O genro Marçal Gacho, por sua vez, tem seu prenome acompanhado da descrição de uma parte do pescoço do gado “em que se assenta a canga” (SARAMAGO, 2000, p.11), o que se alinha figurativamente à condição de exploração vivenciada no trabalho. Podemos ainda ver a construção do nome de Marta Isasca Algor. Isasca, nome herdado da mãe, não é explicado pelo narrador, no entanto, ele remete-se àqueles que provêm de região homônima na Itália (pequeno município com cerca de uma centena de pessoas), enquanto que para fazer jus ao sobrenome do pai, Algor, ela possui o marido ausente na maior parte do tempo, explicitação feita pelo narrador logo após trazer a construção de seus sobrenomes.

Além das peculiaridades dos nomes, repara-se que durante a narração há uma obsessão com os números: na pontualidade do genro, nos dias que Marçal passa com Marta, nos de ausência, tudo isto favorece a ambientação de um espírito capitalista de produção:

de dez em dez dias, é sempre ele quem se encarrega de ir buscar Marçal Gacho ao trabalho para passar com a família as quarenta horas de folga a que tem direito (...) A filha de Cipriano Algor (...), só goza da presença do marido em casa e na cama seis noites e três dias em cada mês (SARAMAGO, 2000, p.12).

Saramago descreve trivialidades ao estilo de um Fernão Lopes preocupado em especificar as miúças de um fato histórico. Logo no início da narrativa, é focalizado um dia de

entregas no Centro comercial em que tudo corria dentro da normalidade até a personagem ocupar a posição de número 13 na fila do descarregamento.

A grande tônica da narrativa emerge com a problemática de que o Centro comercial anuncia que deixará de adquirir os produtos da olaria em virtude de um novo produto no mercado mais moderno e capaz de substituir o barro a um baixo custo. A partir de então, Cipriano Algor sente-se fragilizado, demonstrando como a profissão e o homem já não são capazes de se separar em seu imaginário.

Cipriano Algor não voltou a adormecer. Pensou em muitas coisas, pensou que o seu trabalho se tornara definitivamente inútil, que a existência da sua pessoa deixara de ter justificação suficiente e medianamente aceitável, Sou um trambolho para eles, murmurou (SARAMAGO, 2000, p.58).

Para Algor, a manufatura ainda é uma extensão de si, o apelo tátil da produção do barro, o contato direto durante muitos anos em uma tradição familiar, tudo isso faz com que o oleiro não se veja incluído socialmente fora de seu ofício. Sennett (1999a) exemplifica algo semelhante em *A corrosão do caráter* quando uma padaria se torna uma *delicatesse* em Boston. Para os padeiros, o pão se torna virtual, o trabalho superficial. A subjetividade construída ao longo dos anos a partir do entrelaçamento com o trabalho é fraturada ou pelo menos alterada quando se modificam os meios de produção.

Segundo Sennett (1999a), existe um momento do capitalismo em que as relações de trabalho caracterizam-se pela dinamicidade e instabilidade. Esta nova estrutura retira dos indivíduos a segurança de uma linearidade no planejamento de vida, pois sendo o trabalho uma faceta importante da construção do ser, passam a viver sob o alçó das incertezas. A constante descontinuidade entre as tarefas e até mesmo a troca do vínculo de trabalho faz com que não se adquira características passíveis de serem destacadas com o tempo, a esta nova ética no trabalho Sennett (1999a) chamou de “capitalismo flexível”, responsável por gerir um processo de “corrosão do caráter”.

O que está em jogo na narrativa de Saramago é o caráter construído durante anos por Algor e pela tradição de sua família, pois na construção do caráter temos “os traços pessoais a que damos valor em nós mesmos, e pelos quais buscamos que os outros nos valorizem (SENNETT, 1999a, p.10).” O oleiro não se reconhece útil fora daquele universo, ali se encontra toda a significação de sua vida, bem como todo o seu querer e vontade. Para Sennett (1999a, p.10), caráter também é “o valor ético que atribuímos aos nossos próprios desejos e às nossas relações com os outros”.

Com a recusa da compra das louças, Cipriano Algor aventura-se com sua filha e genro a construir bonecos, estudando sobre a confecção, experimentando novas técnicas e demonstrando, sobretudo, uma abertura para a flexibilização. Entretanto, a tentativa de se moldar ao mercado não é suficiente e o seu produto não desperta interesses nos consumidores. Em meio a este tempo, seu genro é promovido a guarda-residente e recebe o apartamento para residir nele. Apesar de relutar, Algor não possui outra saída a não ser ir morar com o casal na cidade.

Um pouco depois de se abrir a esta decisão, Algor sonha que está refletindo em seu banco de pedra voltado para a abertura do forno, com a presença de sombras, ambiente muito similar à caverna platônica. Parece-nos que durante a narrativa a personagem se encontra em um processo de *anagnorisis*² em que este reconhecimento é feito por meio de duas cavernas, a primeira seria o forno. Sair do forno, deixar a olaria, significa uma abertura para que, assim como o barro, permita-se ser moldado.

Todavia, ao se mudar para o Centro comercial, Algor entra em contato com uma outra construção social de caráter que, não advém de uma historicidade, mas é pautado no imediatismo da imagem que os indivíduos transmitem. A partir dos signos que cada um emana se torna possível possuir traços comuns, de onde advêm os pequenos grupos ou comunidades momentâneas, de elos frágeis que se dissolvem rapidamente a partir de quaisquer discrepâncias (SENNET, 1999b, p.319). O momento em que visita uma das atrações do Centro traz esta inabilidade do oleiro de manter-se socialmente inserido no grupo:

Não é nada que não se veja todos os dias lá fora, Esse foi precisamente o meu comentário quando estávamos a devolver o material, mas teria sido melhor deixar-me ficar calado, Porquê, Um dos veteranos olhou para mim com desdém e disse Tenho pena de si, nunca poderá compreender (SARAMAGO, 2000, p.314).

Enquanto Cipriano Algor ensaia os primeiros passos na lógica urbana e do Centro comercial, seu genro Marçal Gacho demonstra estar habituado a ela. Basta lembrarmos como exemplo da ligação realizada por Marta ao seu trabalho durante o período de negociação dos produtos, em que disfarça o assunto. No dizer do próprio Algor, Marçal agora é “todo ele guarda, guarda dos pés à cabeça” (SARAMAGO, 2000, p.51), possui uma subjetividade em

² Conforme Massaus (2004, p.23), “termo empregado por Aristóteles para designar o ‘reconhecimento (...), a passagem do ignorar ao conhecer’ (...). A anagnórise assinala o momento da descoberta de um fato oculto, cuja revelação altera substancialmente o futuro das personagens.”.

consonância ao esperado de sua função desenvolvida. Em outro momento emblemático, o próprio Marçal irá dizer frente a irritação do cão da família, *Achado*, ao vê-lo de farda: “não me conhece nem os cães” (SARAMAGO, 2000, p.111). Para Foucault (2003), o processo de criação de subjetividades é coletivo, externo ao sujeito e produzida pelo discurso:

(...) o soldado tornou-se algo que se fabrica; de uma massa informe, de um corpo inapto, fez-se a máquina de que se precisa; corrigiram-se aos poucos as posturas; lentamente uma coação calculada percorre cada parte do corpo, se assenhoreia dele, dobra o conjunto, torna-o perpetuamente disponível, e se prolonga, em silêncio, no automatismo dos hábitos; em resumo, foi ‘expulso o camponês’ e lhe dada a ‘fisionomia de soldado’ (FOUCAULT, 2003, p. 117).

Marçal demonstrava compreender de alguma forma esse processo de construção de sua subjetividade enquanto profissional do Centro comercial. Por outro lado, Algor demonstrava certo desajuste àquele ambiente no qual agora residia. Prova disso é que sua atitude despreocupada com a visão do outro sobre si coloca-o por pelo menos dois momentos em situações de suspeição: a primeira quando caminhando pelos andares se depara com uma porta sempre vigiada, com acesso restrito e sente-se curioso e é advertido pelo guarda:

Cipriano Algor se encaminha para a misteriosa porta secreta, que no entanto misteriosa teve que continuar ser, uma vez que, apesar dos insistentes toques na campainha e de repeniques com os nós dos dedos, ninguém apareceu lá dentro a indagar o que pretendia. A quem teve que dar prontas e completas explicações foi a um guarda que, atraído pelo ruído ou, mais provavelmente, guiado pela imagem do circuito interno de vídeo, lhe foi perguntar quem era e o que fazia naquele local. Cipriano Algor explicou que morava no trigésimo quarto andar e que, andando por ali a passear, sentira a sua atenção despertada pelo letreiro da porta, Simplesmente curiosidade, senhor, simples curiosidade de quem não tem mais nada a fazer (SARAMAGO, 2000, p. 310).

A segunda quando caminha anotando todos os slogans das lojas em um bloquinho:

É suspeito copiar frases que estão expostas para os clientes lerem, perguntou Cipriano Algor, Lê-las é normal, copiá-las não, e tudo o que não seja normal é, pelo menos, suspeito de anormalidade (SARAMAGO, 2000, p.312).

Isto ocorre, pois, para Sennett (1999b), o caráter é construído a partir de pequenos signos aparentes. Dessa forma, Marçal aprendeu a controlar suas expressões públicas e a guardá-las para o núcleo familiar, mas Algor ainda reage com espontaneidade que não se coaduna ao esperado nos ambientes públicos urbanos. Ocorre que sendo o apartamento deles dentro do Centro comercial, a experiência residencial se confunde com a pública, o que modifica as relações no interior da própria casa: “Cipriano Algor tem pensado algumas vezes,

embora destes seus pensamentos não tenhamos deixado registo na altura própria, que a casa, esta onde agora vivem, tem o dom maligno de fazer calar as pessoas” (SARAMAGO, 2000, p.326).

A família de Cipriano Algor simboliza ainda uma evasão do ambiente rural para o urbano. Assim como vários outros realizavam estes movimentos, alguns ficando às margens. Este processo de migração trouxe para a sociedade, segundo Sennett em *O domínio do homem público*, uma retração dos indivíduos por conta da desordem urbana. Neste momento, privilegia-se o espaço privado frente ao urbano, o Centro comercial problematiza esta intimidade ao encobrir os dois espaços em um.

O Centro comercial engendra uma disciplina e vigilância severas. O local é todo cercado por câmeras e por guardas, um deles Marçal Gacho, e essa não parece ser uma situação confortável para Algor. Até mesmo o elevador panorâmico com controles de velocidade favorece o exercício da segurança e observação do que acontece no estabelecimento. O “ascensor” de Saramago bem como todos os artefactos de controle, nos lembram uma versão moderna do panótipo que Foucault apresenta em *Vigiar e Punir*: artifício de controle das “instituições totais” que exerce poder e dominação sobre as pessoas. Cabe ressaltar que para Bauman (2003, p.35), o antigo modelo deste controle “prendia os subordinados ao lugar, aquele lugar onde podiam ser vigiados e punidos por qualquer quebra de rotina. Mas também prendia os supervisores ao lugar, aquele de onde deviam vigiar e administrar a punição”, nesse sentido, os meios de controle também se modernizam.

Essa atitude coercitiva do centro é passível de ser vislumbrada no poder midiático das programações direcionadas apenas aos moradores e na alteração do cotidiano da família que agora se porta de forma diferenciada, mais silenciosa, mais restritiva: “Depois do jantar, viram um programa de televisão transmitido pelo canal interno do Centro, exclusivo para os residentes, depois recolheram-se aos quartos.” (SARAMAGO, 2000, p.321). O cerceamento da liberdade pode ser vislumbrado também na adaptação ao isolamento até mesmo dos elementos naturais, que mesmo para o relutante oleiro passa de certa forma despercebido:

Cipriano Algor já perguntou a si mesmo como foi possível que se tivesse deixado encerrar durante três semanas sem ver o sol e as estrelas, a não ser, torcendo o pescoço, de um trigésimo quarto andar com janelas que não se podiam abrir (SARAMAGO, 2000, p.339).

Observamos, portanto, que as subjetividades são afetadas e criadas pela lógica do mercado e pelo *modus vivendi* estabelecido para aquele local. Marçal está todo imerso nesta lógica, enquanto Algor embora tenha demonstrado uma abertura, nega adaptar-se. O centro comercial não apenas vende, como molda os desejos, as necessidades, ou seja, ele também é produtor de necessidades. Os indivíduos passam a comprar não pela utilidade, mas pela ilusão do fetiche. Os indivíduos compram também personalidades (SENNETT, 1999b), ao consumir alguns produtos e sua publicidade. O valor de troca se sobrepõe ao de uso, o que surge expresso na narrativa na fala do administrador do Centro com Cipriano Algor no momento da negativa dos produtos. Um dos slogans criados para o Centro resume essa lógica: “Vender-lhe-íamos tudo quanto você necessitasse se não preferíssemos que você precisasse do que temos para vender-lhe” (SARAMAGO, 2000, p.282)

Para Guattari (1996, p.31), a “subjetividade é essencialmente fabricada e modelada no registro do social”. Em determinado momento da vivência dessa família no centro, seu genro é chamado a guardar a cavidade de uma caverna descoberta no subsolo do estabelecimento. Algor, infringindo mais uma vez as regras, encontra o local e realiza a experiência de adentrar na caverna. Lá ele encontra os indivíduos do mito platônico e depois de voltar dela sai resoluto de abandonar o centro e suas prisões; temos, portanto o segundo momento de *anagnorisis* capaz de gerar deslocamento da personagem.

Ao retornar à vila em que vivia, Algor vivencia a experiência do reencontro com seu cão ‘Achado’ e com Isaura Madruga. Dias depois seu genro também abandona o emprego por não conseguir mais adaptar-se após a *anagnorisis* sofrida, partindo para a olaria com Marta. Ele explica ao sogro: “Quem não se ajusta não serve e eu tinha deixado de ajustar-me” (SARAMAGO, 2000, p.347). Entretanto, os três não conseguem se adequar de volta ao lugarejo.

Como retornados, passam pela vivência de não adequação ao espaço anterior, a situação também nos recorda o que diz Bauman (2003, p.53) sobre a falta do sentimento de pertença a um espaço dos indivíduos bem-sucedidos devido ao constante e exigido deslocamento, o que classifica de “indivíduos territoriais”: “O Marçal e eu vamos procurar nossa vida longe daqui, está decidido, o Centro acabou, a olaria já tinha acabado, de uma hora para outra passamos a ser como estranhos neste mundo” (SARAMAGO, 2000, p.347).

Por fim, o pai, Isaura e Achado os acompanham, decidem sair sem destino certo, mas antes ainda realizam o gesto simbólico da retirada dos bonecos restantes de dentro do forno,

como se os resgatasse daquela prisão. Agora o ciclo do barro irá se completar, eles voltarão a ser apenas pó. O renascimento dos sujeitos da narrativa está simbolizado na força dessa imagem e também na gestação de Marta, que percorre todo o enredo.

É como se o processo de *anagnorisis* fosse feito em camadas, como se houvesse uma etapa dentro da outra. São espaços macros e micros, todos asfixiados. As personagens buscarão uma terceira via, que talvez possa ser apontada pela humanidade do cão que carregam, uma via que assim como o cão “não é de cá” (SARAMAGO, 2000, p.63) não seja deste mundo, mas talvez de outro bem longe das prisões propiciadas por aquelas cavernas que habitaram.

REFERÊNCIAS

- AGUILERA, Fernando Gómez. *As palavras de Saramago*: catálogo de reflexões pessoais, literárias e políticas. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- AUGÉ, Marc. *Não-lugares*. Introdução a uma antropologia da supermodernidade. 3. ed., São Paulo: Papirus, 2003.
- BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade*: a busca por segurança no mundo atual. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2003. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. Trad. Raquel Ramallete. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.
- GUATTARI, F.; ROLNIK, S. *Micropolítica*: cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes, 1996.
- MOISES, Massaus. *Dicionário de termos literários*. São Paulo: Cultrix, 2004.
- SARAMAGO, José. *A caverna*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- SARAMAGO, José. *Da Estátua à Pedra*. Belém: ed.ufpa; Lisboa: Fundação José Saramago, 2013.
- SENNETT, Richard. *A corrosão do caráter*: as consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- SENNETT, Richard. *O declínio do homem público*: as tiranias da intimidade. Tradução: Lygia Araújo Watanabe. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.